

MEMÓRIA CLIMÁTICA: VIVÊNCIA DA REPORTAGEM NA CHEIA EM PELOTAS (RS)¹

CLIMATE MEMORY: REPORTING EXPERIENCE DURING THE FLOOD IN PELOTAS (RS)

MEMORIA CLIMÁTICA: EXPERIENCIA DEL REPORTAJE DURANTE LA INUNDACIÓN EN PELOTAS (RS)

Felipe Adam²

felipeadam91@gmail.com

Lara Nasi³

lara.nasi@ufpel.edu.br

Enzzo Lopes Rodrigues⁴

enzzolp14@gmail.com

Martha Cristina Melo⁵

marthacristina.melo@gmail.com

Yasmin Arroyo⁶

yayaarroyo2004@icloud.com

RESUMO

¹ Versão ampliada do resumo apresentado no GT Pesquisa na Graduação, do VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejo Sul).

² Jornalista, Doutor em Comunicação Social (PUCRS) e Pós-doutor em Comunicação e Cultura (Uniso). Diretor Científico da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), gestão 2026-2028. Atualmente, é pós-doutorando em Comunicação Social (PUCRS). Foi professor substituto no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde coordenou o projeto de extensão “Artefatos recuperados”.

³ Jornalista e Doutora em Comunicação (UFSM). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Proponente do projeto de extensão “Artefatos recuperados, memórias recontadas: histórias de pessoas atingidas pela enchente em Pelotas”, que coordenou até outubro de 2025, quando entrou em licença-maternidade.

⁴ Estudante do sétimo semestre do curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e integrante do projeto de extensão “Artefatos recuperados”.

⁵ Jornalista formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Integrou a equipe de voluntários do projeto de extensão “Artefatos Recuperados” desde sua criação, permanecendo até concluir a graduação.

⁶ Jornalista formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e ex-integrante do projeto de extensão “Artefatos Recuperados”.

Este artigo possui o intuito de apresentar três relatos de experiência a respeito do projeto de extensão “Artefatos recuperados, memórias recontadas: histórias de pessoas atingidas pela enchente em Pelotas”, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Um grupo de 14 estudantes, todos voluntários, integraram a equipe inicial do projeto, que optou por contar as histórias em uma linguagem narrativa de forma multimídia, partindo da entrevista em profundidade como método, realizada em visitas a campo às comunidades vítimas do desastre ambiental de maio de 2024. A experiência demonstrou que o jornalismo, enquanto um dispositivo de memória e quando aliado à extensão universitária, pode assumir um papel fundamental na produção de sentidos sobre a realidade.

Palavras-chave: Jornalismo ambiental. Memória climática. Enchente no Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This article aims to present three experience reports on the extension project “Artefatos recuperados, memórias recontadas: histórias de pessoas atingidas pela enchente em Pelotas” linked to the Journalism program at the Universidade Federal de Pelotas (UFPe). A group of 14 students, all volunteers, formed the project’s initial team, which chose to tell the stories using a narrative, multimedia approach, based on in-depth interviews conducted during field visits to communities affected by the environmental disaster of May 2024. The experience demonstrated that journalism, as a memory device and when combined with university outreach, can take on a fundamental role in producing meaning about reality.

Key words: Environmental journalism. Climate memory. Flooding in Rio Grande do Sul.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar tres relatos de experiencia sobre el proyecto de extensión “Artefatos recuperados, memórias recontadas: histórias de pessoas atingidas pela enchente em Pelotas”, vinculado al curso de Periodismo de la Universidade Federal de Pelotas (UFPe). Un grupo de 14 estudiantes, todos voluntarios, formó el equipo inicial del proyecto, que optó por contar las historias en un lenguaje narrativo y en formato multimedia, partiendo de la entrevista en profundidad como método, realizada durante visitas de campo a las comunidades afectadas por el desastre ambiental de mayo de 2024. La experiencia demostró que el periodismo, como dispositivo de memoria y cuando se articula con la extensión universitaria, puede asumir un papel fundamental en la producción de sentidos sobre la realidad.

Palabras clave: Periodismo ambiental. Memoria climática. Inundación en Rio Grande do Sul.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Artefatos recuperados, memórias recontadas: histórias de pessoas atingidas pela enchente em Pelotas”⁷ teve início em agosto de 2024 a partir de um convite de uma equipe do Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). A instituição, com aulas canceladas, vivenciou, assim como toda a população do Rio Grande do Sul, a maior enchente de sua história recente, quando 174 municípios foram afetados⁸. Uma equipe formada por técnicos, professores e estudantes das mais diversas áreas da engenharia, reunia-se, mesmo com as atividades acadêmicas canceladas, para oferecer serviços de conserto e restauro de eletrodomésticos a famílias atingidas, dedicando-se especialmente à recuperação de itens básicos.

Após os primeiros meses de trabalho, quando a equipe de manutenção começou a devolver os eletrodomésticos às famílias, percebeu que havia muitas histórias por trás de cada item recuperado. E assim, houve essa busca pelo curso de Jornalismo, que foi o ponto de partida para o projeto aqui em discussão, que já nasce a partir da marca da interdisciplinaridade. O objetivo do trabalho jornalístico passou a ser então documentar e narrar jornalisticamente a história de pessoas atingidas, que tiveram seus eletrodomésticos recuperados pela equipe de engenharia da universidade. Para isso, itens como geladeiras, fogões e máquinas de lavar foram pensados como artefatos, e partimos deles e de sua importância como objetos da vida cotidiana (DE CERTEAU, 1998), para acessar as histórias de vida e as vivências das famílias com o fenômeno climático extremo vivenciado em 2024.

O trabalho jornalístico, além de se propor a narrar o presente e problematizar a realidade social, também opera como dispositivo de memória (HALBWACHS, 1990). Documentar e registrar as histórias das pessoas atingidas é fundamental tanto para o presente, para o conhecimento público da extensão e afetações causadas pela enchente, quanto para o futuro, como registro do que ocorreu e, espera-se, como uma forma de evitar a vivência de novos episódios como esse.

⁷ Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u8462>. Acesso em 17 out. 2025.

⁸ Disponível em: <https://sosenchentes.rs.gov.br/situacao-nos-municipios>. Acesso em 16 out. 2025.

Baseado no caráter libertador de Paulo Freire (1970), o projeto visa, ainda, estabelecer um diálogo entre os grupos — estudantes, docentes e comunidade — que conscientize e promova uma postura crítica relacionada à realidade, tendo em vista que inúmeros entrevistados pelo projeto buscam, ainda que após mais de um ano e meio desde o evento climático, uma reestruturação plena. Assim, inspirado na perspectiva freireana de que a educação se concretiza no diálogo e na problematização do mundo vivido, o projeto procurou estimular a escuta e a troca de saberes como caminhos para a reconstrução e o fortalecimento coletivo.

Diante desse cenário, organizou-se didaticamente o presente artigo: na próxima seção, o texto aborda o histórico da enchente de maio de 2024 no Rio Grande do Sul; a seguir, discute-se os apelos sensoriais emanados da experiência do presente projeto de extensão; posteriormente, a metodologia; adiante, a vivência dos acadêmicos em campo. Por último, as considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A pior tragédia climática do estado

Um desastre pode ter dimensões que se expandem para além do que se pode imaginar. O desastre vivenciado no Rio Grande do Sul em 2024 foi uma das mais graves manifestações da emergência climática enfrentadas pela população do estado. Segundo o relatório técnico da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (PESSOA *et al*, 2025), foram mais de 95% dos municípios gaúchos atingidos, deixando 182 mortos e quase 1 milhão de pessoas diretamente atingidas.

Paralelamente, o Mapa Único do Plano Rio Grande (MUPRS) permitiu identificar a extensão espacial do desastre: a área diretamente atingida chegou a 16.387 km² e envolveu 537.936 endereços. A estimativa é de 970.788 habitantes afetados, o que equivale a quase 9% da população estadual. Municípios como Eldorado do Sul (82,2%), Muçum (79,1%), Roca Sales (54,5%), Canoas (45,4%) e São Leopoldo (41,6%) tiveram parte expressiva de suas populações impactadas, demonstrando como o evento atingiu tanto grandes centros urbanos quanto cidades menores. Dos 497 municípios gaúchos, 452 sofreram com algum impacto; inclusive, 95 decretaram situação de calamidade. Entre

estes, Pelotas, a quarta cidade mais populosa do estado, onde 15,3% da população foi atingida.

Além disso, os dados revelam o caráter desigual da tragédia: em diversos municípios metropolitanos, como Eldorado do Sul, Porto Alegre e São Leopoldo, as famílias de extrema pobreza representaram mais de 40% dos atingidos, evidenciando que a vulnerabilidade social influenciou diretamente o nível de exposição e impacto do evento.

Os números mostram o impacto como um todo no estado, com ênfase à área atingida e também contingentes populacionais. Daniela Arbex, no prefácio do *Manual para a cobertura de desastres climáticos*, afirma que não é só a natureza que sofre em situações como a vivida no estado. “O cotidiano das pessoas está profundamente afetado” (ARBEX, 2024, p. 7). Foi justamente para contar sobre o cotidiano das pessoas atingidas pela enchente no município de Pelotas que surgiu o projeto de extensão “Artefatos recuperados, memórias recontadas”.

Com foco nas histórias de pessoas afetadas que tiveram seus eletrodomésticos recuperados pelo “Reconstruindo Lares: projeto de extensão para a manutenção de eletrodomésticos em famílias afetadas pela enchente em Pelotas”, mantido pelas Engenharias da UFPel, a iniciativa se propôs a documentar o processo de recuperação e a atuação da universidade diante do desastre. Ao fazer isso, também se propôs a narrar a história das famílias que perderam e tiveram seus artefatos recuperados, em uma série de reportagens multimídia. A narrativa, assim, tem como ponto de partida a importância desses objetos para a vida cotidiana, mas eles servem como ingresso às histórias de quem enfrentou, perdeu tudo e precisou se reconstruir diante da maior enchente de que há registros no Rio Grande do Sul.

2.2 Apelos sensoriais

Fabiana Moraes, em *A pauta como arma de combate*, nos ensina que, ao elaborarmos o esquema da futura matéria, a subjetividade do pauteiro, do repórter e do editor já estão nele inseridos. A pauta não é apenas o projeto da reportagem. Além de otimizar tempo, espaço e recursos disponíveis, ela fornece soluções para questionamentos sem resposta.

Toda pauta organiza e desorganiza visibilidades e invisibilidades, toda pauta hierarquiza e deshierarquiza vozes e representações, toda pauta estrutura e desestrutura discursos. Toda pauta é uma arma de combate e, sendo assim, toda pauta também pode ser uma arma de combate: ela pode servir para ir de encontro a uma desumanização também alimentada pelo próprio jornalismo. É uma tecnologia à disposição de um agir (MORAES, 2022, p. 10).

A jornalista também é defensora do que chama de *jornalismo de subjetividade* (MORAES, 2022), que valoriza a perspectiva do próprio repórter. Para ela, essa subjetividade sempre esteve presente no ofício, escondido sobre um viés de produção centrado na técnica. A produção dos conteúdos no projeto se apropria dessa perspectiva, valorizando o pensamento crítico dos jornalistas em formação. No cenário atual, onde as mudanças climáticas afetam principalmente - e de maneira mais drástica - as populações mais vulneráveis, é importante que os comunicadores reconheçam o seu papel na sociedade, por meio de um caráter questionador e sensível.

A subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo que busca ser mais integral se situa em critérios também objetivos: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classicismo e pelo racismo); na necessidade de olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na procura de fissurar representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular (MORAES, 2022, p. 419).

O reconhecimento e crítica da estrutura social que levou as pessoas às situações traduzidas pelo jornalismo é essencial para o cumprimento do dever do ofício do jornalista. Essa prática, percebida não só como uma maneira de englobar as visões do escritor, funciona também como uma ferramenta enriquecedora para contar essas histórias de maneira justa e fiel.

Ademais, motivados pelo apelo sensorial emanado dos estudos em Jornalismo Literário (LIMA, 2009; MARTINEZ, 2017), os estudantes puderam desenvolver uma escuta sensível, onde a prioridade da reportagem era a voz das personagens. E não apenas

a entrevista funcionava como instrumento de apuração. A observação, atenta aos detalhes do ambiente, ainda com características da cheia de maio de 2024, ou as memórias dos moradores, tão vivas e receosas do futuro, ilustrava o processo de conexão entre a universidade - por meio do estudante de Jornalismo - e os bairros de Pelotas. Peculiaridades que não se limitavam ao oral, mas também aquilo que não é dito: os gestos das pessoas atingidos, seus ritmos de falas, respirações e silêncios. A fim de compreender a dinâmica dos bastidores, o tópico a seguir se destina a evidenciar as técnicas empregadas nas reportagens.

2.3 Metodologia

Como já informado, o percurso metodológico do projeto teve início com a articulação docente responsável, somada à equipe do Centro de Engenharias, visando compreender as necessidades específicas de divulgação e registro dos consertos realizados. Em seguida, os 14 estudantes voluntários⁹ que compuseram a primeira equipe do “Artefatos” passaram por reuniões preparatórias para, em um primeiro momento, conhecerem a proposta da iniciativa e, após, assumirem determinadas posições relacionadas ao fazer jornalístico.

Essas funções englobaram desde a apuração - que segue princípios próximos à postura de Eliane Brum (2012) enquanto “escutadeira”, conceito no qual a jornalista enfatiza a importância de ouvir com profundidade, sem julgamentos e permitindo que as vozes dos sujeitos se revelem em sua complexidade - até a produção fotográfica, audiovisual e textual, passando, por fim, pelo planejamento de publicações nas redes sociais. Neste artigo, o foco recairá na parte textual. Cabe uma reflexão a respeito dos métodos aplicados, além da entrevista, definida por Ana Estela de Sousa Pinto como

[...] um relacionamento. Depende da sua capacidade de conversar. De interessar-se pelo que o outro tem a dizer. Não se trata de uma máquina de refrigerantes, em que você enfia uma moeda e ela devolve uma lata. Não

⁹ Alessandro da Silva dos Santos, Aline Lemes Bitencourt Souza, Ana Alice Ribeiro Winter, Brenda Farias Pacheco, Igor Teixeira da Costa Salgueiro, Leonardo Monquelat Tavares Armendaris, Luiz Inacio Amorim Martins, Martha Cristina Melo Furtado de Mendonça, Paulo Renato Souza Ienczak, Rafaela Stark Vieira, Sarah Cremonini de Oliveira, Sofia Mazza Machado, Tobias Bernardo Franco, Yasmin Arroyo Machado.

basta ter uma lista de perguntas e ficar esperando as respostas (PINTO, 2009, p. 108).

Toda reportagem começa com uma pauta, mas esse planejamento já é despertado quando o jornalista - ou melhor, o estudante, neste caso - volta sua atenção para a própria comunidade, bairro ou rua onde vive. A observação é uma ferramenta estratégica na composição da reportagem e, para isso, é preciso sujar os sapatos (WERNECK, 2004). Diante do cenário, o sentido da audição é ativado na mente do repórter: há barulhos de veículos ou bicicletas? É possível ouvir a natureza? Ondas do mar, latidos de cachorros ou canto dos pássaros? O olfato também colabora na observação: qual o cheiro daquele local? O esgoto está perto? O jardim está perfumado? A poeira da estrada incomoda as narinas? O café está sendo passado? É ainda necessário permanecer em alerta quanto aos problemas, mas também destacar exemplos positivos, como as superações e conquistas destacadas nas reportagens de cada acadêmico. A regra era clara: dar nome aos anônimos, lembrar dos esquecidos, conceder voz aos silenciados.

Para a produção de conteúdo para o Em Pauta Web¹⁰, agência experimental de notícias do curso de Jornalismo da UFPel, os estudantes apuraram informações tanto no Centro de Engenharias, quanto nas residências de alguns dos atingidos, em visitas de pequenos grupos. “Se você tiver opção, escolha sempre fazer a entrevista na casa ou no escritório do entrevistado. Além de a pessoa se sentir mais à vontade nesses locais, o jornalista terá condições de entender melhor com quem está falando” (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 96). O contato com as vítimas foi possível através de indicações da própria equipe de reparo dos cursos de Engenharia, enquanto a logística de deslocamento do centro de Pelotas ao bairro Laranjal dependeu, exclusivamente, de caronas proporcionadas pela então coordenadora do projeto, a professora Dra. Lara Nasi.

A opção por ouvir as histórias das pessoas atingidas diretamente nas casas que foram invadidas pelas águas permitiu um mergulho no contexto de quem viveu a enchente e a possibilidade de realizar entrevistas em profundidade. Essas histórias, com sua força e singularidade, traduzem a extensão de uma tragédia, resultado da emergência climática,

¹⁰ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/>. Acesso em 25 nov. 2025.

nas dimensões pessoais e coletivas, nas quais também funcionam como registro de memória coletiva (HALBWACHS, 1990) para que não se esqueça o que foi vivido e o impacto causado nas vidas cotidianas.

Posteriormente ao processo de apuração, as informações foram elaboradas em forma de reportagens multimídia, decisão consonante à vertente jornalística narrativa com características literárias - acordada em conjunto durante as reuniões iniciais do projeto. Para além da redação, os demais materiais audiovisuais, especialmente foto e registros em áudio e vídeo, também foram captados durante as visitas ao projeto das engenharias e às residências. Todo o conteúdo foi e é compartilhado com os demais integrantes para que opinem, contribuam e, quando necessário, editem, contribuindo para um processo colaborativo. No segundo ano do projeto, 2025, iniciou-se também um processo de acessibilidade para o conteúdo, com legendas acessíveis de todas as imagens publicadas nas reportagens e nas mídias digitais. Convém destacar que, embora a divisão de equipes tenha sido realizada com base na afinidade de cada aluno com determinada função, a transição entre áreas sempre foi possível.

2.3 Resultados: os desafios da ida a campo

A partir do resgate e recuperação de objetos de moradores pelotenses afetados pela enchente, a circulação das reportagens foi pensada a partir de múltiplas plataformas digitais. As matérias foram publicadas na íntegra, com texto e fotos, na página da agência de notícias da UFPel, o Em Pauta Web, conforme indicado pela Tabela 1.

Tabela 1 - Lista das oito reportagens e as respectivas equipes de produção do projeto “Artefatos recuperados, memórias recontadas”

ENTREVISTADO	RESPONSÁVEL PELA MATÉRIA	RESPONSÁVEL PELAS IMAGENS	RESPONSÁVEL PELA CAPTAÇÃO EM ÁUDIO OU VÍDEO
Veridiane Krause	Rafaela Stark	Tobias Franco	-
Lizandra Cordeiro	Júlio Gemiaki	Pedro Vargas	Gustavo Oliveira
Márcia Consuelo	Arthur dos Reis	Ridley Madrid	Martha Cristina Melo
Nelcione Nolasco	Yasmin Arroyo	Yasmin Arroyo	-
Eva Borges e Cláudio Santos	Enzzo Lopes	Ridley Madrid	Fábio Ribeiro

Alexandre Quadrado	Martha Cristina Melo	Enzzo Lopes	-
Fábio Souza	Júlio Gemiaki	Pedro Vargas	Gustavo Oliveira
Wilmar Kruger (ainda não publicada)	Lara Nasi	Ridley Madrid	Yasmin Arroyo

Fonte: Elaboração dos autores

Uma equipe dedicada especialmente às mídias digitais definiu pela criação de perfis nas mídias sociais Instagram¹¹ e Tiktok¹². Nessas plataformas, o conteúdo da reportagem passou a ser adaptado para contar sobre a apuração em outras linguagens, com arte unindo texto, foto e ilustrações, ou então conteúdos audiovisuais no formato vertical, pensado para consumo em telefones celulares. Num segundo momento, percebeu-se que o consumo midiático das fontes ouvidas pelo projeto passava mais pela plataforma Facebook, e assim foi criado, em 2025, um perfil do projeto também nesta rede¹³ (Imagem 1), onde são replicados os conteúdos publicados no Instagram, que permanece como a rede com maior engajamento, reunindo centenas de curtidas, milhares de visualizações em vídeos (*reels*) e 110 seguidores até o momento.



Imagem 1: Print da página do projeto no Facebook

Fonte: Facebook

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/artefatosmemorias/>. Acesso em 25 nov. 2025.

¹² Disponível em: <https://www.tiktok.com/@artefatosmemorias>. Acesso em 25 nov. 2025.

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=61578241000704>. Acesso em 25 nov. 2025.

Os primeiros perfis do projeto nas plataformas digitais foram criados em setembro de 2024 com o propósito de divulgar as produções e promover o engajamento da comunidade. Inicialmente, a divulgação concentrou-se no projeto das engenharias, que ainda estava em andamento à época, resultando na publicação de apenas uma história de família atingida¹⁴. Em 2025, o projeto foi curricularizado e ofertado como disciplina de Práticas Laboratoriais. Assim, com encontros semanais, foi organizada uma estratégia de comunicação mais estruturada, na qual cada reportagem passou a ser convertida em um carrossel informativo e em um vídeo no formato *reels*, como indicado na Imagem 2.

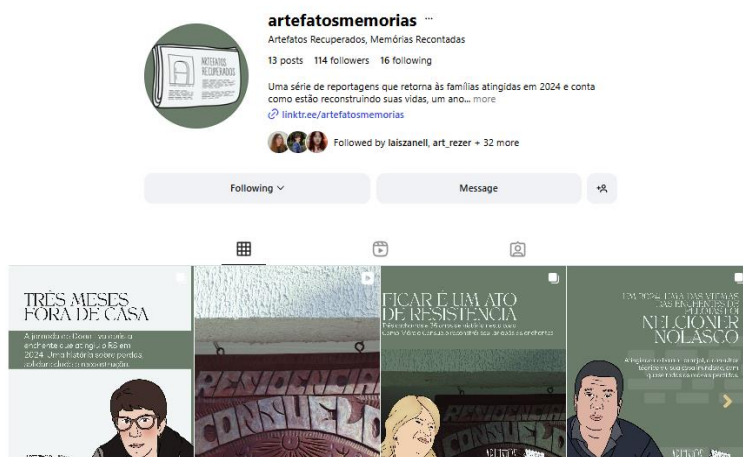


Imagem 2: Print da página do projeto no Instagram

Fonte: Instagram.

A execução das estratégias de divulgação precisou ser adaptada a cada história, uma vez que algumas fontes não autorizaram o uso de vídeos ou fotografias. O projeto contou ainda com a colaboração de uma estudante do curso de Artes Visuais da UFPel, Ana Alice Winter, responsável pela produção de ilustrações padronizadas dos personagens retratados nas reportagens. Além disso, Arthur dos Reis Rezer, acadêmico do sexto semestre do curso de Jornalismo - e integrante do projeto - elaborou as Diretrizes

¹⁴ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/viver-um-dia-apos-o-outro/>. Acesso em 28 nov. 2025.

do Uso de Marca¹⁵, um guia que passou a orientar a produção de conteúdos tanto para as redes sociais quanto para elaboração de um futuro e-book.

Juntas, as plataformas ampliam o alcance das histórias e exigem que os integrantes atuem em diversas frentes jornalísticas, da apuração ao fotojornalismo, todas priorizando a escuta. Afinal, como aponta Eliane Brum (2008, p. 22), “[...] a escuta é uma escolha ética; um compromisso com o outro”.

Após a apuração para a produção de oito reportagens - e publicação de seis delas - e feitos os esclarecimentos a respeito da divulgação dos materiais nas plataformas, a partir de agora, o artigo se pauta em apresentar os bastidores e os desafios de três reportagens realizadas por acadêmicos do curso de Jornalismo inseridos no projeto de extensão “Artefatos recuperados, memórias recontadas”. Nestes relatos de experiência, destacam-se a prática da apuração, a condução das entrevistas e a oportunidade de se aproximarem da comunidade externa à universidade.

2.3.1 Rotina e reconstrução: a jornada de Eva e Cláudio após a enchente

O processo de preparação para as pautas se iniciava muito antes das idas a campo. Em reuniões com os integrantes do projeto eram agendadas as datas e formados os grupos de trabalho, cada qual com a sua função respectiva: redação, foto e vídeo. Apesar de haver casos nos quais a fonte era contatada previamente, isso não foi regra para todas as histórias. Houve saídas para as quais, sem respostas prévias das fontes contatadas, foi preciso percorrer diversos endereços de pessoas que tiveram seus eletrodomésticos recuperados pelo Centro de Engenharias.

Foi esse o caso naquela segunda-feira de junho. Após diversas tentativas, a equipe findava a tarde sem nenhuma história. Na última oportunidade, foi encontrada uma casa vazia. Felizmente, enquanto o grupo voltava para o carro, os moradores chegaram. Eva Regina Borges da Silveira e Cláudio Antônio Sampaio dos Santos, moradores do bairro Laranjal, concordaram em compartilhar sua história.

¹⁵ Disponível em: <https://rezer.studio/cases/artefatos-recuperados-memorias-recontadas>. Acesso em 28 nov. 2025.

A parte que mais chama atenção do relato do casal é o tempo que ficaram fora de sua casa: três meses. O período se estendeu além do tempo em que água esteve em sua residência, pois só era possível realizar a limpeza e manutenção aos finais de semana em que não estavam ocupados com compromissos profissionais. “O cheiro era horrível. O cheiro era tudo das fossas de banheiro. O meu irmão quando olhou para o banheiro e para a cozinha disse ‘Nossa, será que isso aqui vai ter salvação?’. E eu falei: ‘Vai, e a gente vai tirar tudo que não presta agora’” (SILVEIRA, 2025, informação oral *apud* LOPES, 2025). Dona Eva e Seu Cláudio mantiveram sua rotina da maneira mais normal possível. O casal - ela diarista e ele empregado da construção civil - trabalhava durante a semana e construía sua casa aos sábados e domingos.

Saber sobre as condições em que a casa foi encontrada após a tragédia enquanto a entrevista era realizada na cozinha foi essencial para uma compreensão geográfica e sensorial. E estar em um ambiente familiar também fez com que as fontes se sentissem mais confortáveis para compartilhar seu relato de maneira sincera e detalhada.

A interação mais descontraída e informal com o casal enriqueceu o processo jornalístico, pois ampliou as possibilidades de compreensão da realidade e proporcionou aos profissionais em formação uma vivência distinta da rotina habitual. A reportagem foi desenvolvida ao longo de dois meses, com contato contínuo com Eva, e publicada em 15 de agosto.

2.3.2 Memória e comunidade: a experiência de Alexandre Quadrado

A apuração da reportagem sobre Alexandre Quadrado teve início na busca de narrativas por parte do projeto, a fim de registrar as experiências vividas por moradores do bairro Laranjal, em Pelotas (RS), após as enchentes de 2024. Desde o princípio, foi evidente que a história de Alexandre reunia dois elementos centrais para a matéria: a vivência direta com a inundação e o papel comunitário desempenhado por ele durante e após o desastre.

Em entrevista ao “Artefatos”, o morador reconstruiu o dia em que a água tomou o bairro. Segundo Alexandre, quando percebeu o avanço da enchente, bombeiros e equipes da Defesa Civil já atuavam no local. Contou, ainda, que após sair de sua residência para verificar os estragos em outras áreas, ao retornar, já não conseguia entrar

em casa a pé. “Com o mesmo caiaque que utilizou para entrar em casa, o morador do Laranjal explica que, posteriormente, veio a auxiliar no resgate — já que as equipes de apoio iniciais vinham de regiões como São Paulo e Mato Grosso” (MELO, 2025). Esse detalhe, narrado de forma simples, chama a atenção para a rapidez imprevisível do avanço da água — além de funcionar enquanto apelo sensorial ao permitir que o leitor visualize a cena, sinta a urgência do momento e compreenda a súbita mudança do ambiente.

Quanto à dimensão comunitária da narrativa, esta se torna ainda mais evidente quando Alexandre descreve iniciativas como a cozinha improvisada na Paróquia Santo Antônio e o envio diário de notícias aos moradores que precisaram deixar o bairro. Tais relatos exigiram atenção sensível, pois não revelaram apenas ações práticas, mas uma rede de apoio construída diante da ausência de soluções imediatas. Ao entender a organização necessária para as situações, percebe-se um ponto central da reportagem: a força coletiva do Laranjal diante da crise.

Portanto, durante a conclusão da apuração, compreendeu-se que o texto não se sustentaria apoiado apenas em dados ou descrições factuais, mas na capacidade de transmitir a atmosfera que acompanhava cada memória relatada. Dessa forma, a reportagem procurou narrar uma história que refletisse não apenas o que Alexandre viveu, mas como o próprio morador significou os acontecimentos. Assim, a matéria foi resultado de um exercício contínuo de escuta, interpretação e reconstrução sensorial - processo que só foi possível através de uma postura atenta às vulnerabilidades e à força revelada na comunidade do Laranjal durante e depois da enchente.

2.3.3 O esgotamento pela reincidência climática: o relato de Nelcioner Nolasco

Entre as narrativas levantadas pelo projeto, a história de Nelcioner Nolasco, vítima da enchente de 2024 e residente do bairro Laranjal, demonstra uma relação íntima entre memória, perda e reconstrução após o desastre. Com a previsão municipal de que a água chegaria ao Extremo Sul, o consultor técnico imaginou que pudesse ser atingido, mas ficou surpreso com a invasão de água que alcançou eletrodomésticos essenciais, danificou objetos pessoais e marcou física e simbolicamente o espaço onde vivia.

Posteriormente, o contato com o projeto “Artefatos recuperados, memórias recontadas” teve início quando o Centro de Engenharias recebeu dois de seus eletrodomésticos para conserto, um forno elétrico e uma airfryer, que além da utilidade prática, carregava memórias do cotidiano anterior ao desastre. Esses itens se tornaram pontos de partida para acessar sua experiência durante e após a enchente. Ao narrar seus dias sob a água, Nelcioner rememorou não apenas os prejuízos materiais, mas também o desgaste emocional causado pela incerteza, pelo medo e pelo tempo prolongado de espera até que a vida começasse a retomar algum sentido.

Durante a entrevista, ficou evidente que a reconstrução não diz respeito apenas à reposição de bens perdidos, mas à tentativa de reorganizar o que a enchente destruiu. Além disso, mesmo com os sinais visíveis do desastre, Nelcioner acolheu a equipe com disposição para contar sua história, numa demonstração de resiliência e confiança.

Entretanto, a reincidência climática no Rio Grande do Sul está intrinsecamente ligada ao esgotamento da população do estado. “A enchente é uma coisa que a gente não espera [...] Tem muito o que dizer nessa hora, mas o que mais causa desânimo é que vai acontecer de novo, porque a gente não viu nada a ser feito” (NOLASCO, 2025, informação oral *apud* ARROYO, 2025).

Diante desse cenário, muitas famílias são obrigadas a criar estratégias improvisadas para garantir o mínimo de segurança, mas a escassez de recursos e a instabilidade constante estabelece o receio permanente de que tudo se repita. Logo, nota-se que o abalo emocional das populações atingidas, especialmente das comunidades que vivem próximas a rios ou em áreas mais vulneráveis, é profundo e duradouro.

3 CONSIDERAÇÕES

O projeto de extensão “Artefatos recuperados, memórias recontadas” reafirma o papel social da universidade pública e da comunicação como instrumentos de transformação e registro histórico. Ao aproximar a comunidade acadêmica do Jornalismo e do Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a iniciativa se consolida como uma prática interdisciplinar que articula os saberes técnicos à

sensibilidade na reconstrução simbólica de vivências marcadas por um evento climático sem precedentes.

As reportagens produzidas a partir do projeto assumem um caráter testemunhal, no qual a escuta sensível, conforme propõe Eliane Brum (2008), torna-se um ato ético e político. Ademais, reconhecer a crise climática permitiu que o jornalismo reafirmasse sua responsabilidade social em paralelo ao exercício de dispositivo de memória e de resistência.

A prática extensionista desenvolvida revelou também o potencial pedagógico da experiência. Os processos de apuração, produção e publicação em múltiplas linguagens proporcionou aos estudantes a oportunidade do fazer jornalístico em contexto real, promovendo aprendizagens significativas sobre ética profissional e o papel público da comunicação. A interdisciplinaridade, ao reunir campos distintos, contribuiu para a compreensão ampliada da realidade, fortalecendo o vínculo entre universidade e comunidade.

Em suma, a experiência demonstrou que o jornalismo, quando aliado à extensão universitária, pode assumir um papel fundamental na produção de sentidos sobre a realidade. Ao registrar as marcas deixadas pela enchente e dar visibilidade às histórias das pessoas atingidas, o projeto contribuiu não apenas para a reconstrução das memórias individuais e coletivas, mas também para a reafirmação do compromisso ético da comunicação com a vida, a escuta e a solidariedade. O “Artefatos recuperados, memórias recontadas” é, portanto, mais do que um projeto de extensão: é um exercício de humanidade e de reconstrução simbólica diante da dor, em que narrar é também resistir.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. Prefácio. In: AMARAL, Márcia; LOOSE, Eloísa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (org.). **Manual para a cobertura dos desastres climáticos**. Santa Maria, RS: Facos-UFSM, 2024. p. 7. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/290008>>. Acesso em 25 nov. 2025.

ARROYO, Yasmin. Reincidência climática no RS em 2025 e o esgotamento de quem já perdeu tudo: conheça a história de Nelcione Nolasco, uma das vítimas da enchente em Pelotas. **Em Pauta Web**, 2025. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/sera-esse-o-fim-da-esperanca/>>. Acesso em 25 nov. 2025.

BRUM, Eliane. Eu sou uma escutadeira. Entrevista por Angela Zamin, Beatriz Marocco e Julia Capovilla. In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática: entrevistas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012. p. 71-92.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

RODRIGUES, Enzzo. Três meses fora de casa: a jornada de Dona Eva após a enchente. **Em Pauta Web**, 2025. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/tres-meses-fora-de-casa-a-jornada-de-dona-eva-apos-a-enchente/>>. Acesso em 25 nov. 2025.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2798>>. Acesso em 22 nov. 2025.

MELO, Martha Cristina. Após as enchentes, a luta comunitária pelo recomeço. **Em Pauta Web**, 2025. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/apos-as-enchentes-a-luta-comunitaria-pelo-recomeco/>>. Acesso em 25 nov. 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

PESSOA, Mariana Lisboa (coord.); ANJOS, Gabriele dos; XAVIER SOBRINHO, Guilherme Gaspar de Freitas; LAZZARI, Martinho Roberto; OLIVEIRA JÚNIOR, Ricardo César Gadelha

de. **Impactos socioeconômicos dos eventos climáticos extremos de 2024 no Rio Grande do Sul:** uma análise após um ano do desastre. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2025.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário:** reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os pés. In: TALESE, Gay. **Fama e anonimato.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Original recebido em: 30 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 30 de junho de 2026

Felipe Adam

Jornalista, Doutor em Comunicação Social (PUCRS) e Pós-doutor em Comunicação e Cultura (Uniso). Diretor Científico da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), gestão 2026-2028. Atualmente, é pós-doutorando em Comunicação Social (PUCRS). Foi professor substituto no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), onde coordenou o projeto de extensão “Artefatos recuperados”.

Lara Nasi

Jornalista e Doutora em Comunicação (UFSM). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPe). Proponente do projeto de extensão “Artefatos recuperados, memórias recontadas: histórias de pessoas atingidas pela enchente em Pelotas”, que coordenou até outubro de 2025, quando entrou em licença-maternidade.

Enzzo Lopes Rodrigues

Estudante do sétimo semestre do curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e integrante do projeto de extensão “Artefatos recuperados”.

Martha Cristina Melo

Jornalista formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe). Integrou a equipe de voluntários do projeto de extensão “Artefatos Recuperados” desde sua criação, permanecendo até concluir a graduação.

Yasmin Arroyo

Jornalista formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e ex-integrante do projeto de extensão “Artefatos Recuperados”.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional